

UNIVERSITÉ CHARLES-DE-GAULLE – LILLE 3
UFR LANGUES ÉTRANGÈRES APPLIQUÉES

A EXPERIÊNCIA DO TELETANDEM E DO TANDEM PRESENCIAL
NA APRENDIZAGEM DE UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA

Relatório de Estágio

Milay PAQUETE NOBRE DE CARVALHO
Maître de stage: Mme Liliane SANTOS

Juin 2009

A EXPERIÊNCIA DO TELETANDEM E DO TANDEM PRESENCIAL
NA APRENDIZAGEM DE UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA

Estágio realizado na
Universidade Estadual Paulista (UNESP),
em Assis (Brasil),
de abril a junho de 2009
por Milay Paquete Nobre de Carvalho
sob a supervisão da Prof^a. Liliane Santos

Agradecimentos

Eu quero agradecer às seguintes pessoas:

- a toda a equipe de *teletandem* que me ajudou durante o estágio;
- ao Prof. João Telles, que foi o meu coordenador durante o estágio;
- à Profa. Liliane Santos, que é a minha orientadora e que me ajudou a encontrar o estágio
- à Suzana da Rocha, que me ajudou durante os turnos do laboratório *teletandem*.

Sumário

Agradecimentos	i
Introdução	1
I - O Projeto Teletandem	3
1 - Apresentação do projeto e do laboratório teletandem da Unesp-Assis	3
2 - O que é o teletandem? Como funciona?	4
3 - Os objetivos do Teletandem Brasil	5
4 - Os desafios do teletandem	6
5 - O Teletandem Brasil como projeto de pesquisa	6
6 - O funcionamento do laboratório na prática	7
7 - Desenvolver o projeto teletandem	11
II - Tandem presencial	14
1- O tandem com Inajara	14
2 - O tandem com Karina	18
3 - O tandem com Ana Marta	18
4 - O tandem com Lívia	20
5 - O tandem com Gabriela	21
6 - O que eu aprendi com essas sessões	22
III - Diferenças culturais	23
1 - Diferença linguística	23
2 - As outras diferenças culturais	23
3 - As relações inter-raciais no Brasil	25
4 - Minha própria experiência em relação ao racismo	26
IV - Modelos educacionais: uma comparação	28
1 - Educação na França	28
2 - Educação no Brasil	28
V – Conclusão	30
Bibliografia	31
Anexo	32

INTRODUÇÃO

Eu quis fazer um estágio no Brasil pela compatibilidade, evidente, com meu curso e pela perspectiva de esse estágio me ajudar a realizar meu projeto profissional. Estou matriculada em LEA (*Línguas Estrangeiras Aplicadas*) e minhas línguas principais são o português e o inglês.

No último ano da graduação, escolhi uma especialização em tradução, porque pretendo fazer uma escola de tradução-interpretado para finalizar os meus estudos.

Essa paixão pelas línguas vem com certeza da minha experiência pessoal. Meu pai sempre trabalhou em países diferentes e a nossa família sempre viajava com ele. Essas viagens me deram vontade de ficar em contato com línguas, culturas, povos e ambientes culturais diferentes e, ao mesmo tempo, ter um emprego relacionado com línguas.

Não foi totalmente por acaso que escolhi a língua portuguesa. No dia da apresentação do curso LEA, ia optar por espanhol e inglês, mas fiquei sabendo que era possível escolher o português, mesmo que não tivéssemos um conhecimento acadêmico aprofundado da língua. Essa minha escolha foi ainda mais reforçada por ser a primeira língua que falei, e isto antes do Francês, devido à origem lusófona da minha família materna. Ao mesmo tempo, achei que era uma boa maneira de voltar, ou pelo menos de ficar mais próxima das minhas raízes.

No entanto, descobri muito rapidamente que o nível de formação em português era inferior ao da formação em inglês. Temos menos horas de língua portuguesa, bem como são poucos os alunos a estudar a língua portuguesa em LEA. Estamos, portanto, misturados com alunos que preparam um diploma diferente do nosso: em LCE (*Línguas e Culturas Estrangeiras*). Eles estudam mais a literatura, enquanto nós estudamos mais tudo o que diz respeito à economia, às empresas, e ao mundo sócio-econômico em geral. Além disso, na matéria *Civilização* (Brasileira ou Portuguesa), estamos misturados com alunos que não compreendem o português, o que faz com que os professores dêem aulas em Francês e não em português, como deveria ser.

Por todas essas razões escolhi fazer um estágio num país lusófono, pensando poder, assim, recuperar o atraso e as lacunas que tinha nessa língua.

Tive uma preferência pelo Brasil porque já conhecia Portugal e também porque penso que o Brasil, um país emergente com marcas evidentes de desenvolvimento, vai oferecer – e aliás já oferece – grandes oportunidades em termos de trabalho e emprego. Por isso, quando soube que a professora Liliane Santos tinha contatos com a UNESP-Assis devido ao projeto *teletandem*, achei que não podia perder esta oportunidade.

I - O PROJETO TELETANDEM

1 - Apresentação do projeto e do laboratório *teletandem* da UNESP-Assis

O *tandem* foi concebido na Alemanha, no final dos anos 1960, e consiste em envolver pares de falantes (nativos ou competentes) com o objetivo de aprenderem cada um a língua do outro, por meio de sessões bilíngues de conversação¹.

Na Universidade Estadual Paulista, essa forma de aprendizagem é chamada de *teletandem*, quando é realizada num contexto virtual através de comunicação síncrona, tal como com o *Skype*, o *Windows Live Messenger*, o *ooVoo* e/ou o *Talk and Write*. Para realizar um *teletandem*, são necessários:

- Um par de falantes de línguas diferentes que desejem falar a língua do outro;
- Um computador, com aplicativo de mensagens instantâneas e conectado à rede por um modem ADSL e uma webcam.

Além da aprendizagem da língua, o *teletandem* oferece múltiplas dimensões, tais como :

- ◆ o conceito em si;
- ◆ as perspectivas de pesquisa;
- ◆ a interação e a exposição ao insumo linguístico;
- ◆ a cultura e alteridade;
- ◆ a autonomia na aprendizagem;
- ◆ as redefinições do papel e da formação dos professores, assim como da avaliação neste novo contexto de aprendizagem da língua.

Note-se que não se trata de se tornar um professor da nossa língua nativa, mas de partilhar a cultura do país, as ideias, os pensamentos e as informações culturais sobre as línguas em aprendizagem.

O *campus* da Universidade Estadual Paulista (UNESP) em Assis, na região sudoeste do estado de São Paulo no Brasil, é um lugar bastante isolado. Nessas

¹ Para essa primeira parte do meu relatório, utilizei como fonte o livro de Telles (2009).

condições, os graduandos numa das cinco línguas que fazem parte do *Projeto Teletandem Brasil* (inglês, francês, espanhol, italiano, alemão) utilizam sistematicamente o *teletandem* como ajuda e apoio fora das aulas². O projeto foi implementado em março de 2006, data a partir da qual começaram as obras de construção do laboratório.

Antes de o projeto ser lançado, em 2004-2005, o Prof. João Telles, de Prática de Ensino de Línguas Estrangeiras, tentou realizar o chamado *tandem presencial* com a Profa. Luisa Vassallo, do Departamento de Letras Modernas (língua italiana). Ambos chegaram rapidamente à conclusão de que esse projeto tinha várias vantagens:

- a sua flexibilidade;
- não interrompia o fluxo da conversa e das ideias;
- evitava que as sessões estivessem enfocadas somente sobre o significado.

Todavia, era um desafio oferecer este processo aos alunos da UNESP por causa do isolamento da faculdade em relação aos outros países. O *teletandem* tornou-se uma realidade quando a Profa. Luísa teve que voltar à Itália: então, ela e o Prof. João resolveram comunicar por mensagens instantâneas para tentar conservar a mesma dinâmica e aquele impacto criado com o tandem presencial.

2 - O que é o *teletandem*? Como funciona?

O *teletandem* é uma modalidade de aprendizagem à distância por computador (oral e escrita), imagens e vídeo dos participantes por meio de webcam. Por vários aspectos, o *teletandem*, apesar de virtual, se aproxima da forma presencial,

- ◆ autonomia dos dois parceiros;
- ◆ os parceiros devem ser falantes competentes das respectivas línguas;
- ◆ as conversações podem e devem ter uma reflexão sobre as questões gramaticais que surgem durante a interação com o parceiro.

² Note-se que, além dessas línguas, os alunos da Unesp também podem estudar o japonês, língua que não faz parte do projeto Teletandem Brasil.

O *teletandem* é diferente de uma simples conversa entre amigos estrangeiros porque os participantes podem decidir escrever redações sobre temas discutidos durante a última sessão: o que caracteriza o *teletandem* é a escrita planejada e revisada.

Por todos esses aspectos, o *teletandem* se aproxima mais da forma presencial, mesmo que seja de forma virtual. Os aplicativos de comunicação áudio e vídeo, tais como *Windows Live Messenger*, *Skype* ou *ooVoo* permitem aos parceiros verem-se, ouvirem-se, e escreverem-se num espaço de tempo separado ou compartilhado. No final, podem salvar num computador tudo o que foi escrito.

O *teletandem* é uma forma de rede social gratuita, que permite aos alunos terem acesso a culturas e línguas estrangeiras e estabelecerem contatos por meio de parcerias, amizades e trocas de informações linguísticas e culturais.

O Laboratório de *teletandem* foi inaugurado em dezembro de 2007, graças ao apoio da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), das Diretoras dos dois *campi* de Assis e Rio Preto e da Reitoria da UNESP, que providenciou as estruturas necessárias para hospedar os laboratórios.

3 - Os objetivos do *Teletandem* Brasil

- Verificar a compatibilidade dos aplicativos de mensagens instantâneas (recursos de videoconferência como instrumentos pedagógicos para o tandem à distância em língua estrangeira);
- Verificar as características da interação linguística, cultural e pedagógica entre os parceiros do *teletandem*;
- Verificar o papel do professor-mediador dentro do contexto do tandem à distância em língua estrangeira.

Para poder participar completamente do projeto, as universidades estrangeiras devem ter:

- ◆ Um Departamento ou Centro de Línguas onde seja ensinado o português como Língua Estrangeira;
- ◆ Um professor de língua estrangeira que se encarregue da organização local e da equipe de coordenação;

- ◆ Instalações na universidade que possam permitir o uso de computadores equipados com webcams e conexão à internet.

4 - Os desafios do teletandem

Eles devem ser:

- ◆ *Econômicos*: equipamento básico necessário para que o *teletandem* seja realizável (computadores, webcams e conexões ADSL), cabines, computadores. Por isso o projeto *teletandem* procurou um apoio financeiro para a montagem dos laboratórios;
- ◆ *Pedagógicos*: Tal como os professores e pesquisadores de linguística aplicada, os utentes deverão considerar os três princípios do tandem: *autonomia*, *reciprocidade* e *separação das línguas*;
- ◆ *Com visão do futuro* : para que as outras escolas públicas integrem esse projeto.

5 - O Teletandem Brasil como projeto de pesquisa

No tandem, a *autonomia* está intimamente ligada ao princípio da *reciprocidade*: *autonomia-reciprocidade-colaboração*, isto potencializa a aprendizagem. Sendo assim, os praticantes do *teletandem* têm que respeitar a igualdade de tempo para cada língua.

Alguns dos problemas que podem surgir entre os parceiros podem ser causados por não serem assíduos no cumprimento dos princípios, o que pode ser causado pelo ambiente (casa, universidade ou ciber). Todavia, a prática do *teletandem* dá a sensação de estar junto com a pessoa (os parceiros vêem-se por videoconferência).

6 - O funcionamento do laboratório na prática

O laboratório de teletandem da Unesp-Assis é composto de três salas:

- ◆ uma pequena sala, onde ocorrem entrevistas e onde se passa o tandem presencial;
- ◆ uma sala de recepção; e
- ◆ uma sala onde os parceiros de *teletandem* falam juntos.

Os estudantes da UNESP trabalham voluntariamente no laboratório de *teletandem*, como orientadores. O trabalho deles é ajudar o laboratório a funcionar, orientando os novos inscritos para desenvolver a língua da sua escolha. São 22 orientadores no laboratório, sem contar comigo e com Hélène, as duas estudantes de do 3º ano LEA de Lille 3 estagiárias em Assis.

Eu descobri como funcionava o laboratório do *teletandem*, quando comecei a fazer os turnos todas as segundas-feiras. Antes de fazer parte do grupo dos orientadores, tive uma sessão de formação. Durante essa sessão, os orientadores confirmados me ensinaram:

- ◆ a orientar os alunos que fazem o *teletandem* pela primeira vez; e
- ◆ a utilizar a conta de mensagens instantâneas *gmail* (uma conta de ferramentas de informações).

Todos os orientadores utilizam essa conta para comunicar sobre tudo o que se passa no laboratório. No dia da formação, forneceram-me a senha da conta e o nome (login) para uso exclusivo pelos orientadores; esta senha permitia:

- ◆ usar os aplicativos de mensagens instantâneas (os já citados *ooVoo*, *Skype*, *Talk and Write*). Esses programas serviam para comunicar entre nós (os orientadores) e também para os alunos que praticam o *teletandem*; e
- ◆ inscrever os alunos que queriam praticar o *teletandem*.

6.1. O papel do orientador no laboratório

Todos os orientadores partilham os turnos de segunda a sexta; são dois orientadores por turno.

Quando um aluno quer se inscrever para fazer o teletandem e ter a carteirinha³, ele deve dar aos orientadores duas fotos, três correspondências e-mail (um e-mail do Prof. João Telles, a provar que eles estão efetivamente em contato, um e-mail do próprio aluno, que marca um encontro e a resposta do outro aluno), além de um aparelho protetor de ouvido. Depois disso, o aluno tem que preencher uma ficha para identificar-se (serve também como forma de controle) e depois ele tem que assinar a ficha. A partir desse momento, ele já pode ter a carterinha com o nome dele, que vai identificá-lo cada vez que for ao laboratório. De fato, só podem ir ao laboratório alunos que praticam o *teletandem*.

Qualquer orientador deve saber dar uma sessão de orientação aos alunos que estão registrados e que ainda não sabem como funciona o teletandem. Todos os alunos registrados devem assistir a uma sessão de orientação antes de começar uma parceria. Essas sessões são muito importantes porque ajudam o aluno que faz teletandem, dão-lhe uma metodologia na trocas das línguas, e também o ajudam a utilizar os programas do computador⁴.

Devemos marcar o horário dos estudantes que fazem o *teletandem*, tudo isso no computador da sala de recepção. Dessa sala, podemos observar e seguir os passos das pessoas que estão fazendo o teletandem.

Os orientadores devem também verificar o material do laboratório: assim, se o material não funciona temos que assiná-lo ao Prof. João Telles.

³ Os alunos que praticam o teletandem no laboratório recebem uma carteirinha como prova da sua inscrição.

⁴ Para mim, por exemplo, que sou uma péssima utilizadora, penso que é uma boa ideia apreender a mexer com o computador antes de utilizá-lo.

6.2. A minha experiência e as minhas dificuldades

Encontrar o meu lugar na organização

Como nova orientadora no laboratório, a minha dificuldade foi de saber qual era o meu papel. Estava perdida porque, para ser orientadora, é necessário ter organização, além de saber usar diferentes programas necessários para realizar as sessões de *teletandem*. Por exemplo, foi complicado entender como o *gmail* funcionava⁵. Para cada diferente tema devemos colocar uma cor diferente, e apagar as mensagens à medida que os problemas se encontrem resolvidos. Às vezes, o orientador responsável pelo problema encontrava a solução mas não apagava as mensagens; então, a organização ficava uma bagunça.

Como disse, o primeiro passo foi responsabilizar-me com essa nova experiência, encontrar o meu lugar, entender os programas e facilitar a organização do laboratório como eu pudesse. Com a ajuda dos outros orientadores, consegui superar essa dificuldade e encontrei o meu lugar pouco a pouco, à medida que as semanas avançavam.

As dificuldades de comunicação

A segunda dificuldade que encontrei no laboratório, além da barreira da língua, foi a falta de comunicação. Como é natural em qualquer organização, também no laboratório existe alguma falta de comunicação entre os orientadores, apesar das várias ferramentas em uso. Podíamos comunicar pela conta *gmail* e por e-mail mas, mesmo assim, a falta de comunicação permanecia. Então, para evitar tensões, (re)por as coisas no lugar ou corrigir o que achamos necessário na organização do laboratório, organizávamos reuniões. Nessas reuniões, púnhamos em ordem problemas de organização e falávamos francamente sobre o que poderia mudar. Contudo, essas reuniões existiam também para trocar ideais sobre como podíamos melhorar a organização do laboratório. Essas reuniões podem durar até quatro horas, sendo necessárias para o bem do laboratório e

⁵ A utilização do *gmail* é importante porque, entre orientadores, devemos comunicar um ao outro o que se passa durante os turnos

possibilitar uma melhor comunicação. A respeito da barreira da língua, eu aprendi passo a passo a superá-la.

6.3. O que eu aprendi com essa experiência

O sentido da responsabilidade

Fazer os turnos me ensinou a ser responsável: mesmo se éramos dois por turno, às vezes o outro orientador não vinha porque ou estava doente, ou não podia vir... Então, eu devia ser autônoma e responsável.

A confiança em mim mesma e sentido de iniciativa

Também aprendi a ter confiança em mim mesma e a tomar decisões sem consultar uma pessoa que faz parte da equipe. Mas não me esquecia de comunicar as minhas iniciativas e perguntar ao resto da equipe o que pensava da iniciativa. Por exemplo, tive a iniciativa de reorganizar a recepção dos alunos de intercambiários. Fiquei sabendo que as listas dos alunos que esperam fazer o tandem presencial com os alunos de intercâmbio que devem vir para Assis são disponíveis já há quatro anos (é o que se passou comigo e com a Hélène).

Isso deu muitos problemas porque, como somos só duas intercambistas francesas para 20 alunos de francês, foi preciso escolher os alunos que iam fazer o tandem conosco, com base numa lista que data de quatro anos. Como escolher numa lista que data de tanto tempo? Quando os orientadores responsáveis dos intercâmbios escolheram, houve alunos que não foram escolhidos e pensaram que era injusto por terem-se candidatado há muito tempo. Então, o que fiz para evitar essa situação e a impressão duma escolha mal feita: achei melhor chamar uma reunião com os orientadores responsáveis pelos alunos de intercâmbios. Eu disse a eles que era melhor fazer uma lista só quando eles tivessem a certeza de que os intercambiários têm a intenção de vir para Assis, e desse jeito tomar os primeiros que se inscreverem na lista. A equipe achou essa proposta uma boa ideia.

Outra iniciativa que tive diz respeito ao acolhimento dos intercambiários que chegam a Assis. Pensei em reunir todos os orientadores e apresentar os intercambistas.

De fato, uma coisa me pareceu estranha quando eu e a H el ene chegamos no laboratório: ninguém sabia que nos éramos as intercambistas francesas. Esse problema foi resolvido quando outro intercambista americano chegou, um mês depois que chegamos.

O sentido de observa o e de precisão no meu trabalho

Apreendi muito observando: a ser atenta e sobretudo a não ser mais aproximativa mas ser mais séria no meu trabalho.

7 - Desenvolver o projeto *teletandem*

Como orientadora no laboratório, fiz várias observa es e vi que o *teletandem* funcionava bem com as outras línguas – sejam elas o alemão, o espanhol, o italiano ou o inglês. Com o francês não era o caso, e então eu quis saber por quê e como superar esta fraqueza.

Durante as minhas observa es e com base na minha experiência como estudante francesa que já usava o dispositivo *teletandem* durante meus estudos em Lille 3, dei-me conta de que havia poucos alunos franceses interessados na aprendizagem da língua portuguesa. De fato, isso cria um desequilíbrio entre os alunos que aprendem o francês no Brasil e os que aprendem o português na França. No caso do Brasil, há muitos alunos que querem ter um parceiro francês; ao contrário, na França há pouco alunos que estudam o português, o que é um problema porque os alunos daqui ficam esperando meses antes de conseguir um parceiro francês. E quando os alunos conseguem um parceiro, a troca não funciona porque o aluno que estuda o francês não tem o mesmo objetivo do aluno que estuda o português. Na França, os problemas são os seguintes:

- o projeto *teletandem* não é muito bem desenvolvido: falta de computadores, os dispositivos utilizados são muito fracos para a aprendizagem de línguas, só podemos utilizar *MSN*, mas este não funciona muito bem;
- não é o mesmo objetivo: os alunos franceses não têm motiva o porque   obrigatório. Eles têm uma nota final durante o tempo que eles fazem *teletandem*, são obrigados a fazer um relatório;
- o fuso horário e férias escolares não são iguais;

- falta de orientação durante o tempo do *teletandem*. Era preciso ter um professor para ajudar os alunos.

No Brasil, ao contrário,

- os alunos têm um laboratório só para praticar o *teletandem*. Isto inclui o material tal como os dispositivos *Talk and Write* e *Skype*, o que facilita a aprendizagem de línguas;
- eles não são obrigados a fazer um relatório, nem têm uma nota final;
- o problema do fuso horário está ultrapassado porque o laboratório fica aberto até as 9h da noite.

Todavia nos dois países, nota-se uma falta de orientação, mas é do lado da França que se sente mais essa fraqueza.

A partir de todas essas observações, cheguei à conclusão de que, para melhorar o projeto *teletandem* França-Brasil, devemos mudar muita coisa. Para tal, eu faria as seguintes propostas:

- pedir aos professores que se envolvam nesse projeto para servir de orientadores e guiar os alunos durante a troca e na aprendizagem, tanto na França como no Brasil;
- dedicar um lugar no Centro de Recursos em Línguas de Lille 3 só para o *teletandem* e deixar esse lugar acessível para que se possa vir falar com o seu parceiro mesmo a noite (por causa da diferença de fuso horário);
- para a questão das férias, os parceiros têm que se comunicar sobre esse fato antes de começar a troca e encontrar soluções para continuar o *teletandem* durante as férias;
- com respeito aos relatórios que os alunos franceses são obrigados a fazer, eu acho que seria melhor deixar o aluno decidir sobre o modo como ele quer fazer o *teletandem*: isso quer dizer que não é preciso obrigá-los a fazer um relatório.

Todas essas propostas, na minha opinião, poderão melhorar as ligações do *teletandem* franco-brasileiro, porque acho que o *teletandem* é um excelente projeto e é

uma boa maneira de aprender uma língua, ainda mais hoje em dia. Seria uma pena se não continuássemos melhorando esse projeto. Todavia, para conseguir melhorar o projeto ao meu nível, vou tentar envolver-me mais para atrair alunos franceses em Lille 3 e Lyon 2.

II - TANDEM PRESENCIAL

O tandem presencial também fez parte do meu estágio. O princípio é similar ao do *teletandem*, sendo que a única diferença é o fato de os parceiros na aprendizagem de línguas estarem frente a frente a não via internet.

Tive cinco parceiras por semana e isso durante oito semanas. Eu fazia um tandem de duas horas com cada uma. Depois de cada tandem, tinha que fazer um relatório sobre a sessão⁶. Na semana seguinte, devíamos trocar os relatórios para uma correção recíproca. As minhas parceiras foram escolhidas por sorteio. De fato, vinte pessoas se inscreveram para fazer o tandem, mas éramos só duas francesas. Então, a responsável pelo intercâmbio fez um sorteio. Os alunos não acharam justa essa solução (e eu também não), mas era a decisão da responsável. Foi isso que me deu ideias de reorganização com relação a tudo que envolve o intercâmbio no quadro do *Teletandem Brasil*.

As minhas parceiras foram Inajara, Karina, Ana Marta, Lívia e Gabriela.

A parte a seguir deste meu relatório é construída em quatro sub-partes, respeitantes a cada uma das minhas parceiras:

- minha impressão geral da parceira;
- a parte francesa do tandem e as dificuldades que surgiram;
- a evolução da parceira;
- a parte brasileira do tandem e dificuldades surgidas.

O tandem com Inajara

Inajara está no terceiro ano de Letras; ela faz francês e tem uma parceira de *teletandem* também. Ela estuda muito o francês e gosta dessa língua.

Os tandems com Inajara eram todas as terças-feiras. Fizemos o tandem durante esses dois meses na biblioteca, na cantina, numa sala reservada para o tandem, uma vez no supermercado Avenida Max. Durante as sessões, começávamos mais frequentemente em português para depois fazermos em francês.

⁶ Para uma ideia desse tipo de relatório, ver dois exemplos no Anexo, no final deste relatório.

A parte francesa do tandem

Na primeira sessão, foi difícil para Inajara falar em francês: ajudei-a passo a passo a se sentir mais à vontade comigo. A compreensão dela em francês é muito boa, compreendia tudo o que eu falava.

À medida que as semanas avançavam, ela foi ficando menos tímida: falava espontaneamente em francês e arriscava-se a construir frases complicadas.

Antes das sessões, eu preparava o texto no qual eu me apoiava durante as sessões. Fazia Inajara ler o texto para, depois, perguntar-lhe quais as palavras que não compreendia. Por exemplo, tínhamos um texto sobre a gastronomia francesa que continha várias expressões que a minha parceira não conseguia entender. Na verdade, foi o primeiro texto que preparei, para conhecer o seu nível. Com esse texto, eu dei-me conta de que o texto era muito difícil de entender comparado com o seu nível de francês, então procurei textos mais adequados ao nível dela. Os outros textos que encontrei foram mais fáceis para a minha parceira compreender.

As dificuldades

Tive dificuldades em encontrar um tema para cada tandem. Foi por isso que resolvi preparar textos como suporte.

Não sabia também de qual forma a corrigir durante as sessões de tandem: devia escrever os erros e depois entregar o papel com todos os erros, ou devia corrigir logo a seguir da palavra errada, a frase mal estruturada? Optei pela última forma de correção. O que me incomodava também nesse exercício de correção instantânea, era o risco de ser vista como uma professora, enquanto queria ser considerada como uma estudante, simplesmente, ajudando a uma outra estudante.

A minha principal dificuldade era explicar os erros dela quando eu lhe devolvia as suas redações em francês, sem saber se eu explicava bem, se ela compreendia as minhas explicações. De fato, a respeito dos pontos gramaticais, às vezes não conseguia

explicar, porque eu não conhecia os equivalentes em gramática portuguesa, então tornava-se difícil explicar. Por isso, muitas vezes tive que procurar especificamente pontos de gramática, ver na internet ou nos livros de gramática qual seria a equivalência na gramática portuguesa. Às vezes, não conseguia de modo nenhum explicar o erro ou os erros, porque já não sabia mais a regra gramatical específica em francês. Tive também dificuldades em explicar palavras francesas porque, às vezes, não sabia a tradução em português, então tinha mesmo que dar exemplos em português, o que afinal tornou-se um ótimo exercício para melhorar mim.

A evolução de Inajara

Inajara evolui, mas eu gostaria que ela tivesse evoluído muito mais do que ela evolui durante essas oito semanas. Sei que ela tem muita capacidade. Nas últimas sessões, senti Inajara relaxada, quer dizer, menos assídua. Pensei que era minha culpa, que eu não conseguia a cativar, mas não era: o motivo era que ela tinha muito trabalho, livros a ler e um projeto a montar. Eu compreendia a sua posição, mas para mim ela se inscreveu para ter uma parceria de tandem, então tinha que assumir o trabalho suplementar que essas sessões iam dar. Queria também que ela ficasse menos envergonhada cada vez que era a hora de falar francês. Apesar de tudo isso, evoluiu: hoje ela sabe pronunciar bem as palavras e sabe ler em francês muito bem.

Eu soube explicar a diferença entre *leurs* e *ses*, que são dois dos possessivos em francês, o uso do *y* e do *en*, palavras que não existem em português, e o uso do *c'est*. Ela tinha muitas dificuldades com isso, mas dali em diante soube usar. Fiz também o tandem sobre o subjuntivo, porque ela não sabia usá-lo em francês, agora não é mais um segredo para ela.

No fim desses dois meses fiquei muito contente porque agora Inajara pode ter qualquer conversa, com qualquer pessoa que fale francês.

A parte brasileira do tandem

Durante as sessões em português compreendia o que Inajara dizia, podia falar com ela sem problema. Como minha parceira não preparava nada, eu pedi-lhe para me ensinar a pronunciar as palavras com o sotaque brasileiro, que para mim é muito mais bonito que o sotaque de Portugal. Pedi-lhe também porque tinha dificuldades em pronunciar palavras como *dominante*, *irmãos*, *cães*, etc. Pedi-lhe também para fazer ditados, porque eu nunca sei aonde pôr os acentos. Assim, fizemos vários ditados e depois ela me fez um tandem sobre regras de acentuação.

As dificuldades

Tive dificuldades em encontrar palavras em português durante as sessões porque me faltava vocabulário; então devia explicar o que queria dizer. Às vezes, eu ficava quinze minutos tentando explicar o que é que eu queria dizer.

As sessões em português eram chatas, porque Inajara não preparava nada, e então eu tinha que procurar na hora mesmo um tema. Se não, ela não dizia nada e a comunicação entre nós era complicada.

Quando ela me devolvia as minhas redações, sempre me dizia que eu tinha poucos erros, que tinha um português quase perfeito. Isso me incomodava, porque tinha a sensação de estagnar. Tinha a impressão de que ela tinha um complexo de inferioridade, quer dizer, ela me olhava com admiração, uma francesa que sabia falar melhor português do que ela sabia falar francês. Isso me incomodava muito, porque não me permitia avançar, melhorar meu português. Por causa disso, precisava de alguém para me guiar. Senti realmente uma falta de apoio pedagógico.

Para resumir, eu acho que não consegui evoluir como queria, mas meu português é muito melhor do que antes de ter começado os tandens (isso eu posso afirmar). Pelo menos graças a ela, os acentos vai ser um problema menor que antes. E ela também me ajudou a conhecer os nomes das coisas do dia-a-dia, quando fomos fazer uma sessão de tandem num supermercado (os nomes das frutas e dos legumes, por exemplo).

O tandem com Karina

Karina era minha parceira das quartas-feiras, ela estava no quarto ano de Letras. Tem um bom nível em francês. De fato, teve durante um ano uma parceira de *teletandem* com a qual a troca funcionou muito bem. As frases dela eram bem estruturadas. A primeira sessão foi ótima, tudo correu bem entre nós.

Infelizmente só fizemos uma sessão: na segunda sessão ela não veio e não avisou. Na terceira sessão, chegou atrasada e disse que não podia fazer o tandem. Então eu lhe disse que queria mudar de parceira, porque estava a perder tempo. Ela achou uma ótima ideia, porque tinha muita coisa para fazer e não tinha tempo a consagrar aos tandems. E mudei mesmo, porque, se não tem seguimento, não vale a pena. Fiquei decepcionada com a atitude dela porque não só perdi tempo, mas também porque ela tomou lugar de uma outra pessoa que queria fazer os tandems seriamente.

O tandem com Ana Marta

Ana Marta era a minha parceira das quintas-feiras; estava em segundo ano de Letras. Ela tinha dificuldades em falar e compreender o francês, pois teve aulas de francês há quatro anos atrás mas já se esqueceu de tudo.

A parte francesa do tandem

As primeiras sessões foram muito difíceis, porque ela estava com muita vergonha de falar em francês, e isso porque tinha muitas lacunas. Quando ela fazia uma frase, quase tudo era errado. Tive que fazer temas básicos com ela (por exemplo, canções e textos simples). O que eu fazia para ela ficar à vontade, na hora do português, era falar muito; e isso funcionava.

As dificuldades

Encontrei dificuldades no modo da correção, porque cada frase que ela fazia tinha erros. Então, resolvi escrever tudo que ela errava e dava explicações pouco a pouco, enquanto ela falava. Por exemplo, ela tinha dificuldades com os verbos: eu conjugava todos os verbos que ela não conseguia conjugar, tudo isso aos poucos.

Encontrei também dificuldades em corrigi-la porque as frases não queriam dizer nada, não sabia como fazer o glossário. Resolvi escrever uma frase que se aproximava do que Ana Marta queria dizer, mas mudava toda a frase.

Quando lhe entregava as redações, tinha dificuldades em explicar-lhe claramente os seus erros, não encontrava as palavras certas.

A evolução de Ana Marta

Oralmente, o caso de Ana Marta me surpreendeu muito, porque ela era a pessoa que tinha mais dificuldades em francês, mas foi uma das minhas parceiras que evolui o mais rapidamente. Nas últimas sessões, não fazia mais erros de tempo, usava bem o presente e passado composto, o que não era o caso nas primeiras sessões. Fiquei contente porque os tandens serviram. No fim, falava sem ter nenhuma vergonha, totalmente descontraída, parecia que sempre fomos amigas. Gostei do resultado final.

Na escrita ela tem ainda muitas dificuldades, mas ela está evoluindo muito também, apesar de ainda ter algumas estruturas erradas.

A parte brasileira do tandem

As sessões com Ana Marta se passavam muito bem, tínhamos uma boa comunicação. Era muito fácil conversar com ela porque ela era aberta, engraçada e interessante. Ela só tem vinte anos mas já fez tantas coisas na sua vida... foi muito divertido saber tudo que ela já fez na vida. Um dia, fizemos uma sessão de tandem na cidade de Assis. Foi legal, porque pude ensinar-lhe palavras básicas em francês.

As dificuldades

Com ela também as dificuldades foram encontrar as palavras que eu queria dizer, tinha que contornar, buscar e fazer muitas perífrases para explicar o que eu queria dizer.

Consegui progredir em português com Ana Marta porque ela não hesitava em me corrigir; era isso o que me faltava com Inajara. Ela não tinha aquela admiração, então a troca ficava equilibrada, mesmo se eu não evolui como queria, porque Ana Marta não me desafiava. Ela tratava sempre quase dos mesmos assuntos nas sessões, mas corrigia bem as minhas redações, fazia um glossário mais consistente, que me ajudava a melhorar o meu português, porque ela explicava claramente. Quando ela me entregava as redações, me explicava bem os meus erros.

O tandem com Livia

Livia é a pessoa que substituiu Karina. Estava no quarto e último ano de Letras. Só tivemos quatro sessões, porque fiquei esperando durante algumas semanas uma outra parceira para substituir Karina. Livia fala muito bem francês; é ela que fala melhor, de todas as minhas parceiras, e até mesmo um pouco melhor que Karina, que falava bem também.

A parte francesa do tandem

Como Livia já tinha me convidado para ir na casa dela em São Paulo, a conversa se passava bem. Eu preparava textos, e o que era impressionante era que ela me perguntava poucas palavras que ela não conhecia e, quando eu lhe pedia para fazer um resumo, ela fazia sem necessariamente ler o texto de novo. O problema era que ela era muita tímida, então levava sempre algum tempo antes de começar a falar em francês.

As dificuldades

Na verdade, tive só um problema com Livia: é que só tivemos quatro sessões e então é difícil perceber uma evolução progressiva como as outras parceiras com as quais o tandem durou oito semanas.

A parte brasileira do tandem

As poucas sessões que tivemos juntas se passaram bem, mesmo se ela também não me desafiava. Não preparava textos, então eu tinha, outra vez, a impressão de estagnar, o que me preocupava.

As dificuldades

Na verdade, não tive dificuldades porque Livia não se dava ao trabalho de me desafiar; eu tinha impressão de fazer e falar sempre das mesmas coisas. Para mim, eu evolui com ela mas não como com as outras, pelos menos nos tandens: fora dos tandens sim, muito.

O tandem com Gabriela

Um dia, o Prof. João veio falar comigo. Disse que queria me apresentar uma pessoa que queria muito fazer o tandem. Fui até a cantina com ele, que me apresentou Gabriela, estudante do primeiro ano de Letras.

O problema era que só faltavam duas sessões antes de o estágio acabar, e eu não tive a coragem de dizer não, porque Gabriela queria muito fazer os tandens que restavam. Fizemos, então, duas sessões. Durante essas sessões, ela me fez ouvir uma canção, o que foi muito interessante, por ser a primeira vez que eu fazia uma coisa diferente. De fato, na canção tinha muitas figuras de estilo que não me ajudavam a história, e pensei

que era uma pena de ter tido só duas sessões. Na última sessão, ela me ensinou várias expressões brasileiras: adorei também.

Ao contrário, ela tinha muitas dificuldades em francês e, nas duas sessões em francês, não falou nenhuma vez em francês. Tinha muitas dificuldades em compreender os textos, não sabia ler em francês. Eu podia entender as suas dificuldades porque ela estava no primeiro ano, mas duas sessões eram muitíssimo pouco para essa parceira.

O que aprendi com essas sessões

Aprendi o quanto é difícil trocar de língua com alguém, sobretudo no aspecto pedagógico. De fato, me faltou alguém mais profissional para me dirigir durante esses dois meses, me dar um método de aprendizagem, e como ajudar as minhas parceiras sobre a maneira de aprimorar o seu conhecimento da língua que estão aprendendo.

Essas sessões me ajudaram a aprofundar meus conhecimentos da língua portuguesa, mas por causa das dificuldades que encontrei, não tive outra escolha senão “me virar”, e com esse fato aprendi muitas coisas que têm a ver com a língua portuguesa. Aprendi também a falar do jeito brasileiro, porque há muitas coisas que variam em relação ao português de Portugal.

Na última semana, como eu tinha a sensação de estagnar, resolvi mudar de tática e começar as sessões em francês. Quando era a hora de falar em português, usava o mesmo texto e fazia tradução e as minhas parceiras me ajudavam a traduzir. Foi muito legal, porque era diferente. Aprendi muitas coisas: as estruturas e sintaxe corretas, como contornar uma dificuldade, por exemplo quando não existe uma palavra equivalente. Mas tive essa ideia muito tarde. Desse jeito, eu pensei que poderia aprofundar muito mais a língua portuguesa e ser desafiada.

O que eu mudaria é isso: propunha mais sessões para aprofundar a “ginástica” da tradução, que acho muito interessante. As poucas sessões nas quais fiz tradução, aprendi a pensar em português e não em francês. Para mim, foi traduzindo que melhorei muito o meu conhecimento da língua portuguesa.

III - DIFERENÇAS CULTURAIS

1 - Diferença linguística

Apreendi uma outra forma de falar português. O meu curso ensina mais a falar o português de Portugal. No Brasil, aprendi a falar com o sotaque e a sintaxe brasileiros, e pouco a pouco percebi que tinha muitas diferenças. O português brasileiro é, na minha opinião, mais bonito, não tem a mesma pronúncia. Por exemplo, o “e” se lê como um “i”; o “t” se pronuncia “tch”; o “s” se pronuncia “s”, tal como se escreve, e não como em português de Portugal, que é “ch”. A pronúncia brasileira é de fato mais aberta, não é como a pronúncia portuguesa, que é mais fechada.

Existem palavras que têm sentidos muito diferentes do português de Portugal: “cueca” é usado para os homens mas, em Portugal é usado para as mulheres; “banheiro”, no Brasil, é “casa de banho” em Portugal; “controle remoto” é “comando” em Portugal. Os brasileiros não usam mais “vossa”, “vosso”: eles dizem “tua”. Também não usam a estrutura do gerúndio como os portugueses, por exemplo na construção “estou a falar”: os brasileiros usam “estou falando”. Quando cheguei, falava mais o português de Portugal, e todo mundo dizia que tinha sotaque de uma portuguesa. Às vezes, os brasileiros não me compreendiam porque eles não usam as mesmas palavras que os portugueses como expliquei antes. No entanto, agora falo com o sotaque brasileiro, e os brasileiros não dizem mais que tenho sotaque português.

2 - As outras diferenças culturais

- Quando cheguei no Brasil, a paisagem me chamou a atenção, tem uma magnitude maior do que na França.
- No Brasil, a base da comida é arroz e feijão. Os brasileiros comem isso em todas as refeições. Há muitos alimentos que não existem na França: mandioca, pasteis, tapioca, pão de queijo. Tem uma variedade de legumes e frutas que se

deve à característica exótica do país. Na França não tem a mesma coisa porque o clima é completamente diferente e não é tão grande como o Brasil.

- O Brasil é um grande país, tanto que a noção do tempo não é igual à que se tem na Europa. A noção de distância também é completamente diferente. Leva cinco horas para ir de Assis a São Paulo de ônibus (mesmo estado), o que é nada visto o tamanho do país. Em comparação com a França, o Brasil é dezesseis vezes maior. O Brasil é tão grande que mesmo os brasileiros não conhecem o país inteiro, e as viagens são muitas caras.
- A percepção do clima também é muito diferente com relação à França. Com 20°C, no Brasil as pessoas estão de casacos e luvas, enquanto que eu, ao contrário delas, sentia calor. Na França, 20°C pode ser uma temperatura da época de verão, é por isso que não sentia frio.
- Notei também que a religião tem um lugar importantíssimo na sociedade brasileira. Durante esses dois meses, vi quase em todos os carros a Santa Maria representada. Mas a religião parece mais como um negócio aqui, sendo abertamente um fonte de rendimento. Por exemplo, tem um padre que faz representações na televisão: ele canta, quase a dançar... parece que a religião faz parte do *show-business*. Na França, a religião é mais interiorizada. De fato, com a lei em vigor há mais de 100 anos decretando da separação entre a Igreja (católica) e o Estado, a religião não é mais omnipresente na sociedade francesa.
- Os brasileiros são muito acolhedores, sempre dispostos a ajudar. Se alguém tiver qualquer problema para fazer qualquer coisa, eles vão sempre encontrar uma maneira de achar uma solução. Gostei muito desse lado dos brasileiros porque na França as pessoas são mais individualistas.
- Reparei que as relações entre estudantes e professores são informais. O aluno pode sair e entrar na sala de aula como quiser, os professores não dizem nada. Eles podem atender o telefone na sala de aula, chegar atrasados. Isso me incomodou muito, porque eu penso que não é uma forma de respeito ao professor e também porque na França não é assim. Os estudantes têm uma relação muito mais formal, não somos bem vistos quando chegamos atrasados,

não podemos responder ao telefone na sala de aulas. Aqui no Brasil, os professores dão até carona aos estudantes.

Para encerrar o meu estágio, o Prof. João me pediu para fazer uma apresentação a respeito da cultura brasileira. Fiz uma apresentação sobre o racismo e o sistema educacional no Brasil comparado com o francês.

3 - As relações inter-raciais no Brasil

De fato, como negra, eu queria saber se há racismo no Brasil, porque o Brasil é um país que tem uma forte miscigenação: tem muitas misturas, herdadas da história brasileira. Foi um país colonizado pelos portugueses e teve, portanto, misturas com, e entre, os escravos africanos, os índios nativos e os europeus. Isso gerou a imagem de um Brasil multicultural. Todo mundo pode ser brasileiro; negros, brancos, morenos, índios, loiros, mulatos. Na França, quando eu me apresento a dizer que sou francesa, a primeira coisa que os franceses vão perguntar é “Você é francesa, mas de que origem você é?”. Essa pergunta traduz uma coisa: é que para os franceses, negro não pode representar a França. Há essa diferença com o Brasil. De fato, os brasileiros nunca iam fazer este tipo de pergunta porque o Brasil é multicultural, e um brasileiro tanto branco como negro pode representar esse país.

Mas nesse multiculturalismo, me fez perguntar uma outra coisa: qual é o lugar do negro, hoje em dia? Como dois meses é muito curto para fazer minha própria experiência, procurei informações e encontrei uma entrevista de Zézé Motta, uma cantora e atriz negra brasileira que diz que no Brasil existe racismo. Vou comparar o que diz a cantora com as palavras do presidente da Fundação Milton Campos, Sr. Jarbas Passarinho, que diz que no Brasil não existe racismo. Ele é branco.

O ponto de vista da cantora

- para ela, o racismo é um fenômeno multifacetado, que atinge todas as esferas social, econômica, política e cultural;

- não existem representantes negros em cargos como empresários, embaixadores ministro da Fazenda ou da Indústria. Na França também não tem muito, mas isso está mudando;
- nas relações de trabalho, os negros ganham menos do que as mulheres (que, por sua vez, ganham menos que os homens brancos). Isso, na França, não existe: um empregado negro não ganha menos que uma mulher;
- mesmo que o negro tenha um ótimo currículo, a prioridade será sempre dada aos brancos. Isso existe na França;
- há racismo também nas relações afetivas. Na França, isso existe mas nas pequenas cidades;
- Ela sonha com um mundo onde o negro seja aceito plenamente, como cidadão, com todos os seus direitos, e que possa viajar plenamente para todos os lugares do Brasil, sem ser discriminado. O negro pode circular com todo direito em todos os lugares sem ser (abertamente) discriminado na França.

O ponto de vista do presidente da Fundação Milton Campos

- se o negro não é admitido nos clubes é porque existe preconceito econômico: “preto não entra no clube porque é pobre”. Isso, para mim, é um amálgama: associar o negro e a pobreza é uma visão muito recuada, porque tem também brancos pobres.
- a questão, no fundo, é de mobilidade social. Os negros vêm de uma camada mais pobre e dificilmente têm acesso a funções de maior relevo. Neste último argumento, devemos, para entender melhor porque não tem negros nos postos de alta responsabilidades, examinar as chances que a sociedade dá para os negros. Na minha opinião, tudo vem da educação.

Minha própria experiência em relação ao racismo

Eu me senti um pouco discriminada quando fui para Rio Preto, num restaurante e um hotel caro. Não foi dito, mas eu senti que eles me olhavam de um jeito que me incomodou bastante.

Perguntei a uma aluna da UNESP, que também é negra, se ela já tinha sofrido racismo. Ela me disse que sim. Nas lojas caras, as empregadas não a atendiam. Isso me chocou muito, porque na França, quando entramos numa loja, os empregados procuram mais entender e avaliar o nosso poder de compra (para não dizer “carteira”), qualquer que seja a cor da nossa pele.

Antes de prosseguir, vou explicar as diferenças entre a educação francesa e a brasileira depois do liceu (ensino secundário), i.e., a partir do ensino superior.

IV - Modelos educacionais: uma comparação

1- Educação na França

- No último ano do *lyceu* (2º grau ou ensino médio), temos uma prova final (chamada “Baccalauréat”), assim como existe uma prova de conclusão do 1º grau (BEPC, ou “Brevet d’Études du Premier Cycle”), que equivale ao ensino fundamental do Brasil.
- Nas faculdades públicas, o ensino não é gratuito, mas se paga pouco. Além disso,
 - qualquer pessoa que tenha sido aprovada no “baccalauréat” pode entrar: não tem vestibular;
 - Temos três anos de graduação;
 - Temos menos horas de aulas;
 - Não é preciso fazer um “cursinho” para entrar numa faculdade pública;
 - O ensino nas universidades públicas é de menor qualidade do que nas particulares;
 - Não tem sistema de quota.
- Nas universidades particulares:
 - a formação é melhor;
 - algumas faculdades fazem um exame de acesso;
 - tem que pagar a escola (de 3.000 a 7.000 euros o ano letivo);
 - tem mais horas que na faculdade pública;
 - Não tem sistema de quota.

2- Educação no Brasil

- Nas faculdades públicas:
 - não se paga nada;
 - tem vestibular;

- a maioria das pessoas tem que fazer um cursinho antes de entrar na faculdade;
 - a formação é melhor do que a da faculdade particular;
 - existe sistema de quota.
-
- Nas faculdades particulares:
 - O ensino é pago;
 - tem vestibular;
 - A qualidade da formação, de um modo geral, é inferior à faculdades públicas, mas isso depende da faculdade;
 - não há sistema de quota.

Eu fiz essa análise para falar da questão das quotas. Para mim se não tem negros nos postos de alta responsabilidade é porque eles não têm oportunidade de entrar nas universidades. A questão das quotas apoia a minha ideia. Penso que é ridículo esse sistema de quota, porque ele prova que há um problema racial no Brasil. Mas, ao mesmo tempo, tem pessoas que pensam que, se não tivesse esse sistema, ia ter ainda menos negros nas universidades. Reparei que não tinha muitos negros nas universidades. Isso é chocante e, por isso, acho que tem racismo no Brasil. Na França, penso que os negros têm mais chances na educação, e tem mais negros nas universidades.

V - Conclusão

Aprendi muito com este estágio na UNESP de Assis. De fato, essa experiência ajudou-me a crescer tanto profissional como pessoalmente, devido às diferentes funções que desempenhei. Como orientadora no laboratório *teletandem*, aprendi a confrontar problemas que uma empresa pode ter: aprendi, por conseguinte, a ser mais responsável e flexível no meu trabalho e sobretudo a ser autônoma. Com o tandem presencial, desenvolvi o conhecimento da língua portuguesa e aprendi o quanto é difícil ensinar a sua própria língua.

Eu penso que, no fim desse estágio de dois meses, atingi o meu objetivo. Mas não foi fácil. De fato, como eu, Hélène e Suzana⁷ fomos as primeiras francesas a vir em Assis, foi difícil encontrar o nosso lugar, me senti um pouco perdida, sem estrutura. Para superar isso, tive que ser mais autônoma e “me virar” sozinha. Isso me ensinou a crescer profissionalmente.

Gostei desse estágio na universidade. Ajudou-me muito a aprimorar meu português: consegui recuperar o atraso que tinha. Mas, por outro lado, é uma pena que a UNESP não tenha um diploma centrado em tradução, porque eu queria desenvolver mais esse aspecto. De fato, o curso LEA é muito diferente dos cursos da UNESP.

No entanto, espero que esse estágio me abra muitas portas no futuro, porque durante esse período aprendi muitas coisas além do desenvolvimento da língua: aprendi a me integrar num grupo, a observar, ser atenta, a contornar as dificuldades e a habituar-me à cultura dum país diferente. Para mim, tudo isso faz parte do meu projeto profissional, por isso penso que esse estágio foi muito produtivo para o meu futuro.

⁷ Suzana é uma aluna de Mestrado de Lille 3, que fez um estágio no laboratório de fevereiro a junho.

BIBLIOGRAFIA

TELLES, J. A. (org.) (2009). *Telet@ndem. Um contexto virtual, autônomo e colaborativo para aprendizagem de línguas estrangeiras no século XXI*. Campinas: Pontes Editores.

ANEXO

14/04/2009

Sessão de tandem presencial das terça-feiras

No dia 14 de Abril foi o primeiro encontro com a parceira Inajara falamos sobre o que ela gostaria de ser. Ela gostaria muito de escrever romance historico, ela disse que era um pouco difícil porque os romances historicos têm que ser baseados com fatos historicos e verdadeiros misturado com a liberdade de colocar fatos da imaginação do escritor. Esse processo é difícil segunda ela porque os fatos historicos verdadeiros (que o escritor pesquisa antes de construir uma história de ficção a volta dos fatos historicos), têm que ser complementares. Ela também disse que queria viajar para todo lado,conhecer muitas coisas, trabalhar como interprete fora do Brasil e depois voltar á trabalhar no Brasil e dar aulas .Ela falou que quer muito estudar e conhecer várias coisas interessantes, tudo que implica na sociedade (psicologia), ciências humanas etc... Para poder ajudar todos as pessoas que ela puderia ajudar. Falamos do HIV AIDS que na França tinha cantores que defendiam o caso do HIV, e também os mendigos, os que não tinham uma casa onde dormir e nem sequer de comer ou beber. Eu disse que na França existia cantores que os ajudavam atraves de uma assossiação chamada 'les restos du coeur' em francês essa expressão significa os retaurantes do coração, é um restaurante onde os mendigos e pobres podem comer de graça, ela disse que não existe isso no Brasil.

16/04/09

No primeiro encontro com a minha parceira Ana Marta do tandem presencial falamos sobre aquilo que fazia quando era pequena: dançava numa companhia, ia para todos os lugares fazer demonstrações de dança. Ela fez isto até os 12 anos mas tinha que parar porque teve problemas com os seus joelhos. Eu perguntei ela se ela sentia falta da dança, ela disse que sim. Eu continuei dizendo que eu posso entender ela porque a dança é minha grande paixão, eu não podia viver sem dançar. Eu lhe contei que fazia hip-hop, ragga-dancehall e salsa hip-hop. Achei estranho como os brasileiros pronunciam as palavras inglesas. Quando ela dançava conheceu uma francesa que dançava e que se

casou com um brasileiro, ela é famosa aqui no Brasil,mas eu não conhecia essa dançarina.

Eu tive muito prazer conversando sobre a dança porque é uma paixão que ambas partilhamos.

Ela disse também que fazia dois cursos, a noite vai num curso de administração e de dia na UNESP. E também está numa associação para ajudar gente que não têm comida, não têm lugar para dormir, é uma organização ong.Eu ri muito quando eu entendi a palavra porque a pronúncia não é a mesma, eu não conseguia entender.

Ana Marta já aprendeu a falar francês mas esqueceu de tudo, pois já faz quatro anos que ela não praticou mais o francês. Ela mora no centro de Assis, a casa dela é muito longe daqui.